

O TRABALHO COM CRIANÇAS E ADOLESCENTES EM TRATAMENTO ONCOLÓGICO E SEU CUIDADOR: RESSIGNIFICANDO AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS EM ESPAÇOS DE EDUCAÇÃO NÃO FORMAL

Michele Felix Azevedo¹
Thaynnan Raffaely de Jesus Dias²
Maria Nathalia Moreira Costa³
Vivian da Silva Braz⁴

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo compreender e discutir como o trabalho com crianças e adolescente em tratamento oncológico e seu cuidador podem ressignificar as práticas pedagógicas em espaços de educação não formal, tendo como objetivos específicos: analisar o papel do pedagogo com crianças em tratamento oncológico em espaços de educação não formal, avaliar as dificuldades e desafios das práticas pedagógicas na casa de apoio e compreender os benefícios das práticas pedagógicas nas Casas de Apoio a crianças e adolescentes em tratamento oncológico. As metodologias utilizadas foram pesquisa bibliográfica: autores, leis e artigos sobre a temática, pesquisa quali-quantitativa, entrevista semiestruturada e pesquisa de campo. Pode-se analisar que a presença de pedagogos nesses espaços é de suma importância, pois ele traz abordagens diferentes de ensino-aprendizagem, transmitindo confiança, respeito, compreende suas limitações, ampara os pais ou responsáveis, entre outros.

Palavras-chave: práticas pedagógicas, tratamento oncológico, crianças e Casa de Apoio.

INTRODUÇÃO

Este trabalho foi idealizado pela necessidade observada por voluntários, durante os atendimentos de crianças diagnosticadas com câncer infantil juvenil em atendimento na Associação de Combate ao Câncer (ACCG), em Goiânia, devido à morosidade estabelecida entre os atendimentos médicos e os transportes dos municípios em que as crianças residem, agravadas durante o período de pandemia da COVID-19. Funcionando assim, a criança precisa de um procedimento oncológico, mas o transporte municipal a leva bem cedo e, na maioria das vezes, só a busca no final da tarde, dependendo da demanda de pacientes. Com os novos protocolos devido à COVID-19, a criança precisa primeiramente realizar o teste de COVID, para somente após a liberação deste resultado, realizar a sua entrada no hospital para a internação e procedimentos. Não há um local

¹ Acadêmica graduanda do curso de Pedagogia da UniEVANGÉLICA; 2022-1

² Acadêmica graduanda do curso de Pedagogia da UniEVANGÉLICA; 2022-1

³ Acadêmica graduanda do curso de Pedagogia da UniEVANGÉLICA; 2022-1

⁴ Doutora em Ecologia. Professora do ISE/UniEVANGÉLICA, Orientadora da Pesquisa

adequado para espera, e as crianças ficam na calçada do hospital, algumas sem alimentação. Devido a essa demanda a Estação Esperança, uma Organização não Governamental (ONG) juntamente com o Núcleo Esperança (ONG) se organizou de maneira a dar um mínimo de suporte para essas crianças e seus cuidadores, enquanto aguardam seus atendimentos médicos.

Conforme Oliveira (2021):

[...] a partir do momento em que os familiares têm a confirmação do diagnóstico de câncer infantil, eles se veem frente ao novo e ao desconhecido, obrigando-os a buscar conhecimento ... Durante o tratamento, a família passa por diversas mudanças e, mesmo com a ruptura do planejamento familiar, passa também a valorizar a vida e a união ... Como o tratamento da criança com câncer deve ser abrangente, exigindo atenção às necessidades físicas, psicológicas e sociais. Além da inclusão da família, busca pela personalização da assistência, promoção de cuidados a traumáticos, garantia do direito à informação, e promoção da autoestima de todos que vivem esse processo deve-se: disponibilizar à criança informações sobre a doença e o tratamento; prepará-la para receber os procedimentos; adotar medidas para o alívio da dor e desconforto; incluir a família no processo de cuidado e garantir a tomada de decisão da família, da criança e do adolescente (OLIVEIRA, 2021, p.3).

Faz-se necessário um acompanhamento para que essas famílias ressignifiquem suas vidas, encontrando na união e na assistência da equipe multidisciplinar um escape para o equilíbrio socioemocional deste grupo familiar, pois começarão momentos de dor e variadas emoções em decorrência as mudanças que podem provocar problemas de necessidades físicas, psicológicas e sociais, além das demandas que já existem anteriormente no convívio familiar.

A sobrevivência desta criança está relacionada a diversos fatores, como o diagnóstico precoce, que em sua maioria não acontece, pois são confundidas com outras doenças infâncias, tratamento adequado como também a idade, tipo de tumor e o local em que se encontra e sua extensão. Esses impactos são grandiosos no seio familiar, pois alguns de seus membros interrompem seus próprios sonhos, de acordo com Oliveira (2021):

[...] a família pode ser entendida como um sistema no qual a soma das partes é mais que o todo. Portanto, tudo que afeta um indivíduo afetará a família de forma global. Nos casos de câncer, para os pais e para a própria criança doente, receber apoio emocional e contar com a participação direta de seus familiares é de grande importância para o enfrentamento da doença (OLIVEIRA, 2021, p.3).

Dias (2017) explana em seu trabalho que por muitos anos o processo educacional era negligenciado quando um aluno se encontrava em atendimento hospitalar. Dada a sua

situação, por muitas vezes eram prejudicados em sua vida acadêmica, no seu desenvolvimento intelectual e corriam sérios riscos de evasão escolar pelas dificuldades enfrentadas durante a intervenção de saúde.

Os novos desafios enfrentados por esses profissionais vão além da educação formal e de acordo com Farfus (2012 *apud* DIAS, 2017, p.3): “A educação, atualmente, não se faz mais apenas dentro dos muros escolares, mas vai além”. Com isso, percebe-se que o desenvolvimento do mundo moderno força, cada dia mais, que a escola se reinvente e não fique apenas presa a único espaço físico. Dessa forma, é responsabilidade do pedagogo (facilitador, multiplicador e/ou motivador) a formação integral dos cidadãos nos mais diversos espaços, promovendo conhecimento e através desses conhecimentos direcionados para a cidadania, melhorar a autoestima e capacitá-los para atuarem na sociedade, conforme Gohn (2001, p.3): “Um dos pressupostos básicos da educação não formal é o de que a aprendizagem se dá por meio da prática social. É a experiência das pessoas em trabalhos coletivos que gera um aprendizado”.

A pandemia evidenciou muitas coisas, inclusive a desigualdade socioeconômica entre os modos de vida da elite à periferia, agravando a pobreza e escancarou a uma realidade antes mascarada. Expôs a fragilidade das estruturas médicas sanitárias existentes em nosso país, explicitou a violência doméstica, bem como sua sobrecarga de afazeres domésticos, mostrou o fracasso das políticas públicas já existentes e principalmente nos mostrou um novo caminho a ser seguido através dos meios de comunicação, desenvolvendo novas formas de relacionamentos humanos. Conforme Gohn (2020):

A pandemia gerou, no mundo todo, atos de solidariedade na sociedade civil. Todos comoventes, especialmente aos profissionais da saúde, aos doentes, aos trabalhadores de apoio para serviços, equipamentos e alimentação etc.; O voluntariado e ações de apoio financeiro e de suprimentos aos pobres, desabrigados e desassistidos etc. despontou em todos os segmentos sociais. Propiciou-se, em suma, mobilização civil, cidadã, iniciativas meritórias, multiplicação de ações solidárias. A solidariedade passou a ser uma esperança, e uma arma de combate para ir resolvendo o dia a dia (GOHN, 2020, p.16).

Evidencia-se a necessidade de trabalhos voltados para espaços não formais, a fim de promover cidadania e uma forma de não fechar os olhos a esta realidade, pois todos sofremos juntos as dificuldades impostas pela COVID-19 e algumas pessoas além de todas essas mazelas, ainda tem que lidar com o câncer infant juvenil e suas adversidades.

Este trabalho foi realizado através da experiência desenvolvida junto a Estação Esperança (ONG) vinculada ao Núcleo Esperança (ONG), baseado em uma pesquisa quali-quantitativa com foco na pesquisa quantitativa que segundo González (2020) “Essa questão pelo **o que** da Pesquisa Qualitativa é de natureza ontológica. Refere-se ao ser desse modo de abordar a constituição de conhecimentos sobre assuntos sociais e educacionais.”

Os sujeitos participantes responderam a um questionário semiestruturado, elaborado na plataforma Google Forms e preenchido virtualmente e presencialmente, contendo perguntas realizadas aos cuidadores e às crianças em tratamento oncológico. Como base teórica utilizou-se autores, leis e artigos referentes ao tema desejado, detectando ser um tema pouco explorado no que diz respeito ao pedagogo e suas práticas em espaços de educação não formal voltado com crianças e adolescentes em tratamento oncológico.

Desta forma o objetivo da pesquisa foi compreender e discutir como o trabalho do pedagogo junto a crianças e adolescente em tratamento oncológico e seu cuidador podem ressignificar as práticas pedagógicas em espaços de educação não formal, tendo como objetivos específicos o papel do pedagogo com crianças em tratamento oncológico em espaços de educação não formal, as dificuldades e desafios das práticas pedagógicas na Casa de Apoio e os benefícios das práticas pedagógicas nas Casas de Apoio a crianças e adolescentes em tratamento oncológico. As metodologias utilizadas foram pesquisa bibliográfica: autores, leis e artigos sobre a temática, pesquisa quali-quantitativa, entrevista semiestruturada e pesquisa de campo desenvolvida junto à estação esperança vinculada ao Núcleo Esperança.

1. O papel do pedagogo com crianças em tratamento oncológico em espaços de educação não formal

Educação não formal consiste em uma educação fora dos espaços escolares, considerada uma modalidade de ensino, se desenvolve nos espaços não convencionais de educação como ONG's, Instituições Penitenciárias, Centro de Referência da Assistência Social- CRAS, Empresas, Forças Armadas, Hospitais, Casas de Apoio entre outros. É considerada por alguns autores como intencional, pois sofre as mesmas influências do

mundo contemporâneo que as demais formas de educação, mas pouco assistida pelo ato pedagógico. A educação não formal é aquela que não é trabalhada em âmbito escolar e é de grande valia, pois é uma educação que visa trabalhar em locais que muitas vezes não são alcançados. Ela é vista como social, pois seu papel vai além do educar institucional, ela é mais prazerosa e não tem cobranças como avaliação e conteúdo programáticos.

Conforme afirma Ferreira e Pretto (2012):

O importante é que esta proposta de educação não formal funcione como espaço social. As atividades de educação não formal necessitam ser vivenciadas em local agradável, que permita expandir-se, movimentar-se, oportunizando a troca de experiências. Isso pode concretizar-se por meio da participação efetiva do educador envolvido no processo (FERREIRA E PRETTO, 2012, p.2).

O trabalho do pedagogo com crianças e adolescente em tratamento oncológico é de suma importância, uma vez que, encontra-se em uma situação de vulnerabilidade, mudança de rotina e baixa autoestima. É necessário que o professor trabalhe atividades lúdicas. Cunha (2001) afirma que a criança sociabiliza, aprende a respeitar o outro e experimenta o mundo através das brincadeiras, abordando temas que estejam ligados ao tratamento oncológico daquela criança/adolescente, auxiliando no entendimento do processo pelo qual está passando. O fracasso escolar, transtornos de desenvolvimento, surgimento de lacunas na aprendizagem que são desenvolvidas durante o período de internação, são alguns fatores relevantes para que haja um acompanhamento pedagógico no âmbito hospitalar. Segundo Fontes (2005): “O hospital é, inclusive, segundo definição do Ministério da Saúde, um centro de educação.”(FONTES, 2005, p.121a).

O documento Classe Hospitalar e Atendimento Pedagógico Domiciliar (BRASIL, 2002), permite que o aluno que está em tratamento, tenha acesso ao ensino através da pedagogia hospitalar durante os momentos de internação e procedimentos médicos.

Conforme a Constituição Federal (BRASIL, 2002) no Artigo 205:

O direito à educação se expressa como direito à aprendizagem e à escolarização, traduzido, fundamental e prioritariamente, pelo acesso à escola de educação básica, considerada como ensino obrigatório, de acordo com a Constituição Federal Brasileira. A educação é direito de todos e dever do Estado e da família, devendo ser promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, tendo em vista o pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho segundo a Constituição Federal no art. 205. Conforme a lei, o não oferecimento do ensino obrigatório pelo Poder Público, ou sua oferta irregular, importa responsabilidade da autoridade competente. (BRASIL, 2002, p.9).

Para que um pedagogo atue em espaços de educação não formal, é necessário destacar que o currículo, os métodos de ensino/aprendizagem, as práticas pedagógicas precisam ser trabalhadas de formas diferentes, uma vez que no ambiente da saúde, o cotidiano desse aluno são diferentes. Faz-se necessário que o profissional da educação adapte atividades com momentos lúdicos e tenha a clara visão de que este está mais vulnerável tanto fisicamente como psicologicamente, além de não estar em um ambiente escolar.

As famílias e as crianças/adolescentes precisam se reorganizar e redirecionar o seu cotidiano quando é dado o laudo médico, em que será necessário o tratamento oncológico. Com isto observa-se que, o processo de aprendizagem da criança será prejudicado, principalmente pelo fato de que não são todas que recebem apoio pedagógico neste período de tratamento. Para que sejam ressignificados os espaços da educação não formal, faz-se necessário que o profissional da educação tenha experiências em escolas, para que saiba lidar de forma cautelosa e confortável para a criança/adolescente durante as atividades propostas. Outro fator importante, é que busque adaptar o ambiente em que ministrará as aulas, atividades de acordo com as limitações do seu aluno e principalmente, utilizar práticas pedagógicas significativas, como afirma Fontes (2005):

Se o professor tem uma experiência de escola, sabe até onde pode ir com a recreação e a partir de onde deve desenvolver um trabalho de cunho mais educacional. É isso que marca o papel do professor no hospital: trazer a educação para tudo, aproveitando qualquer motivo, qualquer movimento da criança, desde a hora das rotinas hospitalares, como o almoço, o café da manhã, a visita, até a hora de a criança fazer um exame ou ir ao banheiro. Tudo isso pode ser pedagógico, e é isso que marca o trabalho do professor no hospital. (FONTES, 2005, p.26b)

O aluno em tratamento desenvolve-se durante as aulas, a rotina, podendo gerar uma autoestima, felicidade, se sentir capaz de estudar e aprender. O pedagogo ao ministrar aulas neste ambiente, observa e levanta diversas questões que podem auxiliar em estudos e melhorias sobre esta prática. Tanto em relação da forma como se deve trabalhar com crianças em tratamento, quanto o que deve ser aprimorado no quesito: métodos de ensino, ambientes planejados, levantamento de dados, formas de avaliar, entre outros. Segundo Dias (2017):

Com as inúmeras necessidades da nova sociedade, os hospitais já começaram a ser apresentados um novo modelo a ser seguido, que é o atendimento pedagógico. Com isso dando oportunidade aos indivíduos hospitalizados, de restabelecer o convívio social e fazendo valer as leis que os amparam. (DIAS, 2017, p.8)

De acordo com o autor, é possível notar que os hospitais vêm buscando a cada dia proporcionar a inclusão social desses pacientes e fortalecer as bases educacionais. Dessa forma, é notável que a educação no ambiente hospitalar é a integração entre vários profissionais em busca de garantir que os direitos do paciente sejam obedecidos como diz a Lei 9.394 de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), no Artigo 4º que assegura atendimento educacional, durante o período de internação.

Percebe-se então que a presença do pedagogo é fundamental para garantir a ressocialização, a continuação do ensino, diminuir o estresse da rotina sofrida durante o tratamento e fazer com que a criança e adolescente que se encontra nessa situação não se sinta excluída da sociedade e nem do âmbito escolar (DIAS, 2017, p.9). Além do atendimento hospitalar as casas de apoio especializadas em atendimento oncológico podem ser locais em que o pedagogo pode atuar, pois elas dão suporte às criança e adolescentes que estão em tratamento, sendo como um local que acolhe, proporcionam atendimentos psicossociais, um espaço que traz um refrigério a essas famílias nesse momento tão delicado.

Carvalho (2016), em seu estudo de caso na Casa de Apoio a Criança com Câncer da Paraíba, relata que "O educador se torna essencial neste momento, pois a sua aprendizagem trata-se de processo contínuo...". Sendo assim, a atuação do pedagogo é de suma importância nestes locais, pois ele pode contribuir de maneira positiva para o tratamento, com suas práticas educativas que vão muito além da sala de aula.

A casa de apoio, a princípio foi criada com o intuito de sanar a problemática da falta de alimentação e local apropriado para as crianças e seus cuidadores, com um espaço para as brincadeiras, mas sem qualquer pretensão pedagógica, no entanto, foram surgindo novos desafios como um trabalho que pudesse contemplar as lacunas de aprendizagem dessas crianças, ressignificando assim este local com brincadeiras educativas com a intencionalidade de aprender de forma brincante.

Conforme afirma Cunha (2001, p.13): "brincando, a criança aprende com toda riqueza do aprender fazendo, espontaneamente, sem estresse ou medo de errar, mas com prazer pela aquisição do conhecimento", sendo assim, um grande desafio elaborar atividades lúdicas que suprissem as necessidades deste espaço. Ressignificar quer dizer dar um outro ou novo significado, isto é, trazer para a sociedade o fato de que não é apenas

no âmbito escolar que ocorre a aprendizagem significativa, mas sim, em espaços não formais como nas Casas de Apoio.

Em nosso estudo de caso, a demanda inicial era ser apenas um local agradável para espera, então até o presente momento ainda não existe um ambiente, uma sala específica para atendimento pedagógico, as atividades elaboradas com as crianças estavam sendo aplicadas em um pátio coberto com amplo espaço conforme os agendamentos no hospital, não tendo um tempo determinado e nem datas específicas. A quantidade de crianças variava de acordo com a demanda, alguns dias iam apenas uma criança e em outros dias umas dez, variando o limite de tempo, umas passavam o dia inteiro e outras apenas 15 minutos, daí a importância do diálogo com os acompanhantes para nos anteciparmos quanto a próxima atividade a ser realizada.

2. As dificuldades e desafios das práticas pedagógicas na Casa de Apoio.

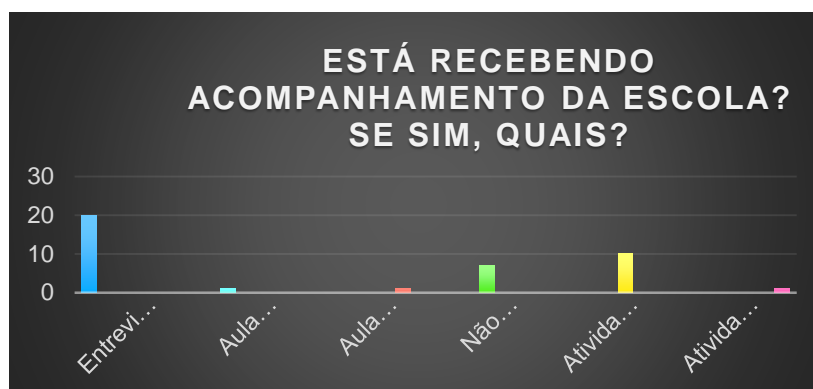
Há muitas dificuldades e desafios ao trabalhar com crianças em tratamento oncológico, uma vez que, a rotina de exames, medicações, mal-estar após quimioterapias e/ou radioterapias, atendimentos médicos, exigem bastante do paciente/aluno e a falta de um local adequado. Outro desafio encontrado refere-se as limitações das crianças devido ao tratamento como: as medicações, quimioterapia, radioterapia que podem desencadear efeitos colaterais que prejudicam a percepção, raciocínio e perdas motoras, podendo ser comprovadas através do questionário respondido pelos cuidadores, observa-se que algumas dificuldades, como resolução de problemas matemáticos em 40% das crianças, em 25% delas possuem dificuldades de manusear objetos como lápis ou caneta, em 35% relatou dificuldade em manter a atenção em algumas atividades e apenas 10% relatam ter dificuldade em compreender ao ler ou ouvir histórias.

No presente projeto, houve uma dificuldade inicial em se obter as informações dos cuidadores por meio do Google forms, o referido questionário contendo aproximadamente 20 questões as quais eram perguntadas sobre o paciente, sua escolaridade, participação da escola na sua rotina hospitalar, como eles ocupavam o tempo nos momentos de espera dos atendimentos. A maioria deles não realizaram a devolutiva, então a estratégia foi

alterada, sendo necessário entrevista presencia e algumas vezes conversas informais na Casa de Apoio. Depois todas as respostas foram passadas para a plataforma digital.

Ao serem questionados sobre a frequência escolar, 45% não estão indo à escola, em seguida foi perguntado se a criança “Está recebendo acompanhamento da escola? Se sim, quais?”. Conforme a tabela 1

Tabela 1



Nota-se que os cuidadores acreditam que realizar atividades em casa é contado como frequência escolar, devido a maioria ter respondido que sim (estão frequentando a escola). Pensando nesse afastamento escolar, foram propostas atividades para reforço escolar com a finalidade de ajudar as crianças em suas dificuldades de aprendizagem poderiam ser interessantes, mas comprovou-se posteriormente que elas não seriam atrativas, devido as tensões do tratamento e por estarem muito tempo fora da sala de aula, pois nas atividades propostas de desenhos com letras do alfabeto ou desenhos de personagens, elas optavam pelos personagens, quando proposto a tabuada, também não havia interesse, mas quando apresentado o jogo de dominó da multiplicação todos queriam brincar, ao tentar aplicar uma atividade de cálculos matemáticos foi totalmente ignorada, mas ao brincar de pega varetas na somativa de pontos eles calcularam achando divertido. A mesma reação encontrada por Carvalho (2016):

Inicialmente pensei em suprir essa carência da escola, pois estava em processo de formação como educadora, então pensei: Vou trazer atividades, passar tarefas, ensiná-los a ler e escrever, trabalhando principalmente a leitura. E assim foram feitas várias tentativas, no entanto, não parecia muito atrativo nem para as crianças nem para os adolescentes, pois pareciam cansados e sem ânimo para fazer as atividades, e falavam que não queriam fazer nada. Então, me senti incapaz, pois não consegui fazer com que eles participassem CARVALHO (2016, p.32).

Talvez uma das maiores dificuldades encontrada pelo pedagogo neste espaço seja compreender naquele momento como a criança se sente, quais suas limitações no dia, pois são propostas várias atividades que podem ser realizadas em um determinado dia e conforme Fontes (2011) e Carvalho (2001), através do desenho e da brincadeira a criança pode expressar seus sentimentos, produzindo assim fantasias e reproduzindo realidades, dentro de suas especificidades e conforme observado em um dos momentos em que o paciente chegou comeu pouco e queria apenas se deitar no sofá, em razão das reações da quimioterapia. Conhecer o paciente, suas preferências, sua rotina de tratamento auxiliam na escolha mais coerente das atividades a serem realizadas. Esse entendimento, a sensibilidade e a flexibilidade são essenciais para que seja ressignificado o papel do pedagogo nos espaços de educação não formal, respeitando as especificidades de cada indivíduo.

3. Os benefícios das práticas pedagógicas em Casas de Apoio a crianças e adolescentes em tratamento oncológico.

As práticas pedagógicas centradas no brincar são de suma importância, de acordo com a BNCC (2017) “a interação durante o brincar caracteriza o cotidiano da infância, trazendo consigo muitas aprendizagens e potenciais para o desenvolvimento integral das crianças”, as brincadeiras focam no aprender de maneira lúdica e divertida, respeitando as dificuldades e especialidades, fazendo com que o aprender torne algo prazeroso e significativo para as crianças e adolescentes que estão em tratamento oncológico, para isso a utilização de leitura e contação de história, brincadeiras, pintura, slime e desenhos como forma de novas descobertas e de expressão, conforme afirma Vygotsky (1987):

O desenhar e brincar deveriam ser estágios preparatórios ao desenvolvimento da linguagem escrita das crianças. Os educadores devem organizar todas essas ações e todo o complexo processo de transição de um tipo de linguagem escrita para outro. Devem acompanhar esse processo através de seus momentos críticos até o ponto da descoberta de que se pode desenhar não somente objetos, mas também a fala. Se quiséssemos resumir todas essas demandas práticas e expressá-las de uma forma unificada, poderíamos dizer o que se deve fazer é, ensinar às crianças a linguagem escrita e não apenas a escrita de letras. (VYGOTSKY, 1987, p.134)

Em um dos encontros foi realizada a contação de história com o livro que narra a história de uma árvore de chiclete, com o auxílio de um guarda-chuva recheado de chicletes, os quais caíam como chuva, alguns dias depois foi solicitado por uma das

crianças que recontasse a história para uma criança que ainda não havia participado daquele momento, sendo gratificante saber que um momento importante para esta criança seria importante também para outra criança, trabalhando sobre valores e as coisas que são proibidas, como são os relacionamentos aluno-professor, além da imaginação e a ludicidade, fazendo com que as crianças se sentissem parte da história e por alguns instantes se desligando de sua realidade. Conforme Carvalho (2016):

A literatura faz suscitar o imaginário. É uma possibilidade de descobrir o mundo imenso de conflitos e impasses ou de soluções que todos vivemos. É através da literatura que vão sendo enfrentados (ou não), resolvidos (ou não), problemas e outras questões que passam cada personagem de cada história. Na função de facilitador, coloco as crianças em contato com diversos gêneros literários, a fim de fazer com que elas se identificassem mediante sua realidade. (CARVALHO, 2016, p.27).

De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil (DCNEI, Resolução CNE/CEB nº 5/2009), em seu Artigo 9º, afirma que os eixos estruturantes das práticas pedagógicas são baseados em interações e brincadeira, bem como a Lei nº 9131/95, dia 6 de abril de 2017 e Base Nacional Comum Curricular, que trazem como um dos direitos de aprendizagem e desenvolvimento na educação infantil o Brincar, os jogos e brincadeiras, os quais possuem intencionalidade para que haja aprendizagem significativa visando as dificuldades e especificidades individuais e coletivas, de uma forma que elas pudessem brincar respeitando suas limitações e ao mesmo tempo fazendo com que se sentissem livres para criar e se divertir, um momento de distração, um alívio em meio os transtornos do tratamento, conforme Carvalho (2016):

Através destas brincadeiras, os indivíduos aproximam-se e reconhecem os próprios sentimentos e o dos outros, assim como aprender a lidar com elas e expressar emoções, são formas de desenvolver a inteligência emocional: saber reconhecer e validar os sentimentos e pensamentos presentes em escolhas e decisões, que acontecem nos jogos e brincadeiras. (CARVALHO, 2016, p.34).

A pedagogia pode contribuir para amenizar o sofrimento de crianças e adolescentes com câncer, segundo Fontes (2011) as atividades pedagógicas contribuem para o bem-estar da criança, pois o lúdico pode ser um canal de comunicação com a criança, resgatando sua vivência de infância antes da doença, fazendo-a esquecer por alguns instantes da nova rotina hospitalar, funcionando como estratégia de confronto para os que se encontram em tratamento e necessitam de auxílio para superar as adversidades

provocadas pela doença e suas especificidades, conforme aponta a pesquisa observa-se que as atividades pedagógicas trazem benefícios significativos e auxiliam as crianças/adolescentes durante o tratamento oncológico.

Os dados levantados através da pesquisa, indicam várias possibilidades, inclusive que as atribuições realizadas por pedagogos, favorecem no bem estar do paciente oncológico, uma vez que, este participa de brincadeiras, jogos, desenvolve a socialização, melhora a autoestima, desenvolve a aprendizagem, entre outros. Está aí a importância da Pedagogia fora dos campos educacionais formais demonstrando como as aprendizagens e afetividade podem fazer a diferença na vida de crianças e adolescentes que estão em tratamento do câncer.

Carvalho (2016) explana que a docência, também, ultrapassa o ambiente escolar a partir do momento em que o educador busca uma formação diversificada em meio às necessidades atuais, existentes no contexto educacional.

A pedagogia busca contribuir para o desenvolvimento de relações humanas no mundo do trabalho com mais saúde, preenchimento, satisfação, respeito por si e pelos outros. E esses pontos estão relacionados à ética profissional. Se colocando na relação intrapessoal: você para com você mesmo, e relação interpessoal: você com o outro, a socialização e importância do autoconhecimento na vida profissional. Desta forma, o pedagogo pode e deve atuar em diversas áreas de trabalho, a partir do momento que ele se permite conhecer e vivenciar outras experiências (CARVALHO, 2016, p.16).

Desta maneira, é de suma importância o trabalho do pedagogo nesses espaços não escolares, os quais contribuem para sua formação profissional e pessoal, passando a ter um olhar mais social, contribuindo para uma educação pensada na ludicidade e brincadeira como forma de alívio para aquelas crianças que estão em situações de vulnerabilidade emocional.

Faz-se necessário que o pedagogo aplique atividades que eleve a autoestima da criança/adolescente em tratamento oncológico, havendo também respeito e adequação destas, devido às suas limitações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da pesquisa, inferiu-se diversas possibilidades para a ressignificação das práticas pedagógicas na atuação do pedagogo em espaços de educação não formal, como ocorreu em nosso estudo de caso vivenciado em uma ONG, inicialmente idealizada com o

intuito de sanar a demanda de um local apropriado e alimentação dos pacientes oncológicos e seus acompanhantes, durante seu tempo de espera, o que viabilizou diversos caminhos a serem percorridos. Para que isso ocorra as práticas pedagógicas precisam ser repensadas e adaptadas requerendo muita atenção em relação ao bem-estar do paciente assistidos na instituição, para atender suas especificidades.

Constatou-se que uma boa comunicação com todos os envolvidos favorece para que o pedagogo organize horários, atividades individuais e coletivas, momentos lúdicos com a criança/adolescente, dentro da sua limitação motora e mesmo que o tempo seja curto.

Percebeu-se por meio da pesquisa o que já afirma autores como Kishimoto (1999), o quanto as crianças melhoraram a convivências com seus pares, o quanto agregaram valores, aquisição da linguagem oral e escrita e adquirindo habilidades sociais, motoras, intelectuais e criativa a partir das leituras, contações de histórias e brincadeiras. O pedagogo no âmbito hospitalar ou em casas de apoio como foi experienciado, auxilia o paciente-aluno com abordagens diferentes de ensino-aprendizagem, transmite confiança, respeito, compreende suas limitações, ampara os pais ou responsáveis, entre outros.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Classe hospitalar e atendimento pedagógico domiciliar: estratégias e orientações. **Secretaria de Educação Especial. Brasília: MEC/SEESP. 2002.**

BRASIL. (2018). **Ministério da Educação.** Base Nacional Comum Curricular. MEC. [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC EI EF 110518_verseofinal_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_verseofinal_site.pdf) Acesso em maio 2022.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação; Câmara de Educação Básica. Resolução nº 5, de 17 de dezembro de 2009. Fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. **Diário Oficial da União**, Brasília. 2009, Seção 1, p. 18. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=2298-rceb005-09&category_slug=dezembro-2009-pdf&Itemid=30192. Acesso em abril 2022.

CARVALHO, W. F. Contribuições da pedagogia na casa da criança com câncer da paraíba: De Mãos Dadas Pela Vida. 2016. 60 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Obtenção do grau de Pedagogia) - **Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba.** 2016.

CUNHA, N. H S. A Brinquedoteca Brasileira. In: SANTOS, M. P. dos. **Brinquedoteca: O lúdico em diferentes contextos.** 2ª ed. Petrópolis-RJ: Vozes. 1997.

DIAS, M. M. T. S; RODRIGUES, K. G. Pedagogia hospitalar: o pedagogo e suas práticas educativas em espaços não escolares. Anais **Educere XIII Congresso Nacional de Educação**. 2017.

FERREIRA, F. C; PRETTO, V. A presença do pedagogo em espaços sociais não-formais. 8 f. Atividade prática (Pedagogia) - Centro Universitário Franciscano UNIFRA-RS. 2012. <https://hal.inria.fr/hal-01396709v1>. Acesso em junho 2022.

FILHO, L. J. A importância da leitura na educação infantil. **Revista SAE Digital**. Disponível em: <https://sae.digital/literaturanaeducacaoinfantil/#:~:text=Ela%20%C3%A9%20fundamental%20para%20a,sem%20precisar%20sair%20do%20lugar>. Acesso em junho 2022.

FONTES, Rejane. A escuta pedagógica à criança hospitalizada: discutindo o papel da educação no hospital. **Revista Brasileira de Educação**, nº 29. Rio de Janeiro, 2005. Disponível: www.scielo.br. Acesso em: 02 nov. 2021.

GOHN, M. G. Educação não formal: Direitos e aprendizagens dos cidadãos (ãs) em tempos do coronavírus. **Revista Humanidades & Inovação**, v.7, n.7, p.9-20, 2020.

GOHN, M. G. **Conselhos Gestores e Participação Sociopolítica**. 8ª edição. São Paulo: Cortez, 2016.

GOMES, O. J; RUBIO, S. A. J. Pedagogia Hospitalar: A Relevância da Inserção do Ambiente Escolar na Vida da Criança Hospitalizada. **Revista Eletrônica Saberes da Educação**. Vol. 3. nº 1 - 2012. Disponível em: https://redib.org/Record/oai_articulo1416016-pedagogia-hospitalar-favorecendo-a-continuidade-escolar-da-crianc%C3%A7a-hospitalizada. Acesso em abril 2022

GONZÁLEZ, E. F. Reflexões sobre alguns conceitos da pesquisa qualitativa. **Revista Pesquisa Qualitativa**. São Paulo (SP). 2020. Disponível em: <https://editora.sepq.org.br/rpq/article/view/322>. Acesso em abril 2022

KISHIMOTO, T. M. **Jogos infantis: O jogo, a criança e a Educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

OLIVEIRA, L. S. de. Câncer Infantil: O Impacto do Diagnóstico para a Criança e Familiares. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**. v. 7, n. 5, p. 635–644, 2021. DOI: 10.51891/REASE.v7i5.1223.

SOUZA, N. F. de. Câncer Infanto-juvenil e Ações Educativas: significados atribuídos por cuidadores, profissionais e estudantes. **Repositório**. Recife. 2013.

TOZETTO, S.; ROMANIW G.; MORIAS J. O trabalho do pedagogo nos espaços não formais. **Revista de Ciências da Educação**. 2011.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

ANEXOS FOTOGRÁFICOS:



JOGO DA VELHA, CONCENTRAÇÃO E PERCEÇÃO



COORDENAÇÃO MOTORA E CORES.



CONTAÇÃO DE HISTÓRIA COMPARTILHADA: TRABALHANDO IMAGINAÇÃO E VALORES.



ENCAIXE: FORMAS GEOMÉTRICAS E CORES



PEGA VARETAS: CONCENTRAÇÃO, PERCEÇÃO



PINTURA LIVRE TRABALHANDO AS CORES



BOLICHE: COLETIVIDADE E CÁLCULOS



DOMINÓ: MATEMÁTICA/ CONCENTRAÇÃO E CORES



LEITURA APONTADA: CULTURA E ORALIDADE



JOGANDO ARGOLA: TRABALHANDO COLETIVIDADE E RESPEITO



DESENHO LIVRE: IMAGINAÇÃO.